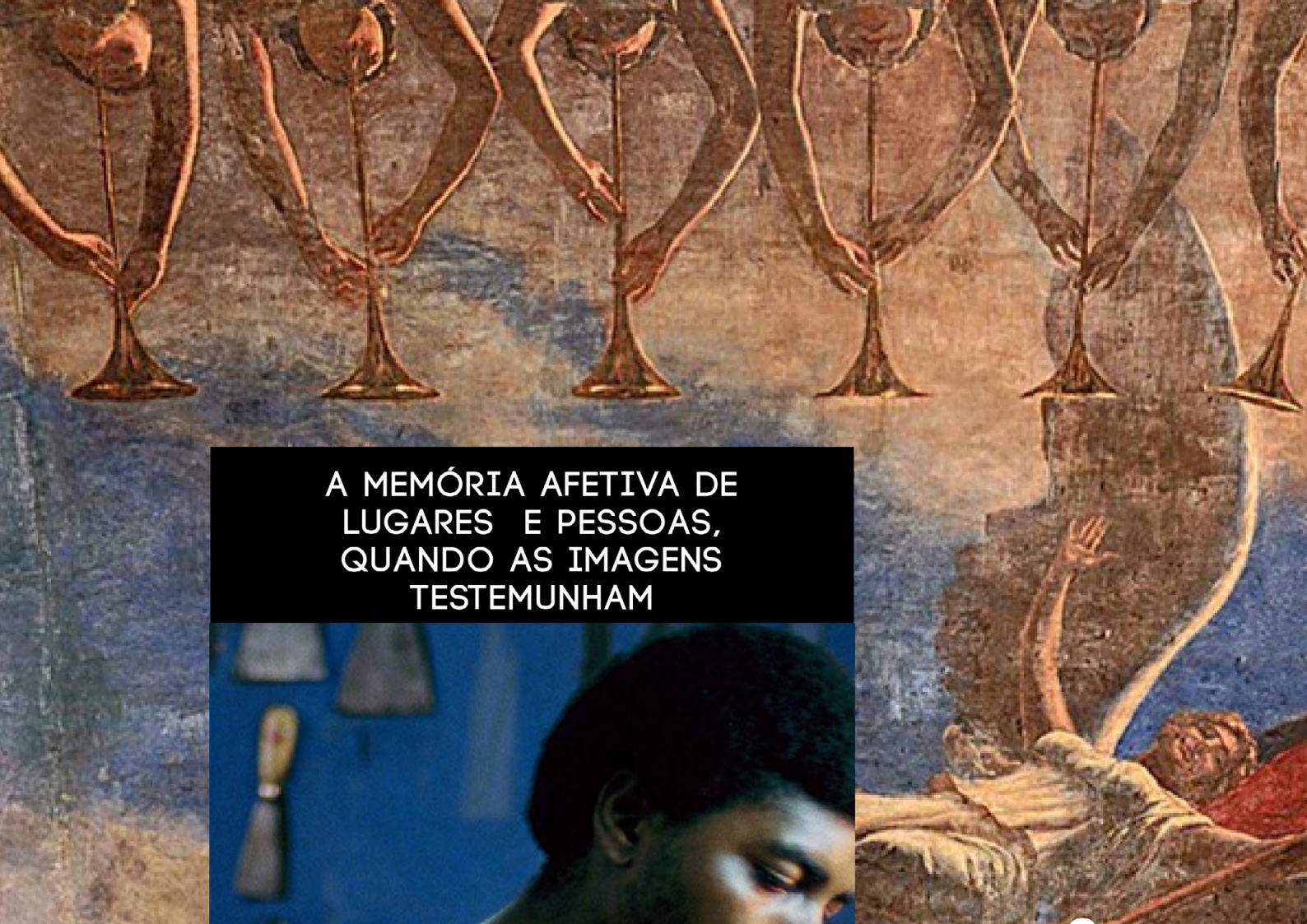




A MEMÓRIA AFETIVA DE
LUGARES E PESSOAS,
QUANDO AS IMAGENS
TESTEMUNHAM



foto crono- grafias



Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS Brasil
Cornelia Eckert, UFRGS, Brasil

Comissão Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes—UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fabrício Barreto, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

Apoio Técnico

Matheus Cervo, bolsista de iniciação científica em BIEV UFRGS
Felipe da Silva Rodrigues, bolsista de inovação tecnológica em BIEV UFRGS
Marcelo Fraga, bolsista voluntário em BIEV UFRGS



www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 7158

Fotos da Capa: Luiz Eduardo Robinson Achutti

vol. 02 num. 04

foto *crono* grafias

A MEMÓRIA AFETIVA
DE LUGARES E PESSOAS,
QUANDO AS IMAGENS
TESTEMUNHAM
2017

ISSN: 2595-3559



Sumário

Apresentação Ana Luiza Carvalho da Rocha Cornelia Eckert	- 06
Organização Ana Luiza Carvalho da Rocha Cornelia Eckert	
Editoração Felipe da Silva Rodrigues Matheus Cervo	
Múltiplas vibrações e formas de experienciar a velhice e o processo de envelhecimento na sociedade complexa Pamela Francisca Jorquera Alvarez	- 08
Ilha e marinheiros Luiz Eduardo Robinson Achutti	- 30



Vol. 02 num. 04 - 2017 - A memória afetiva de lugares e pessoas, quando as imagens testemunham

Este número da revista Fotocronografia apresenta dois ensaios.

A pesquisa da antropóloga Pamela Jorquera, traz as imagens da sua tese de doutorado em Antropologia Social. O mote da pesquisa em Inca de Oro, norte do Chile, é sobre o trabalho, o trabalhador e a cidade. Trata-se de uma atividade laboral que atravessa diversas gerações, por isto não surpreende seu tema de pesquisa ser sobre o envelhecimento. Envelhecem as pessoas, envelhece o trabalho, envelhece a vila. Mas a memória coletiva dos interlocutores da pesquisa fazem vibrar as relações afetivas com o trabalho, com a cidade, com a comunidade de ocupação. As imagens da autora, colocam em alto relevo esta experiência de inserção no campo etnográfico, objetivando compartilhar as relações afetivas ao trabalho, ao lugar, ao coletivo, bem como à qualidade afetiva com que a antropóloga foi recebida no tempo da reciprocidade da pesquisa.

O segundo ensaio é do antropólogo Luiz Eduardo Robinson Achutti. Há três décadas, o antropólogo fotógrafo realizou uma viagem para Cuba e fotografou Havana. A aventura imagética era motivada por um esforço de testemunhar vidas e povos com experiências socialistas. Na atualidade, mais uma aventura o leva a esta cidade agora embalado pelo afeto aos tempos cruzados em uma homenagem aos tons, formas e estética do viver cotidiano neste contexto. As imagens em contraste, do antes e do agora, na narrativa do autor, nos convida a compartilhar as marcas do fluxo do tempo na cidade de Havana.

Múltiplas vibrações e formas de experienciar a velhice e o processo de envelhecimento na sociedade complexa

Pamela Francisca Jorquera Alvarez

Este ensaio acompanha a narrativa imagética construída graças à pesquisa “Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em Inca de Oro, Chile”, na qual estudei o processo do envelhecimento e a vivência da velhice no contexto da sociedade complexa atual.

O aumento da esperança de vida e, em consequência, a maior quantidade de pessoas que conseguem uma longevidade em nossa sociedade; a criação de um sujeito que merece a atenção e a elaboração de políticas públicas e a definição de uma disciplina específica para seu estudo — a Gerontologia — tornam o envelhecimento e a velhice, parte de um fenômeno contemporâneo sem precedentes na história da humanidade. Durante o século XX, a população mundial alcançou etapas muito avançadas de vida, situação compartilhada pelo Chile. Assim envelhecer constituiu-se uma problemática que requer novas formas de compreensão e de intervenção.

Nesse contexto, evidenciou-se para mim a necessidade de lançar um olhar que permitisse sair da presunção da existência de uma única forma de viver a velhice ou de envelhecer e que permitisse abrir espaço às diferentes formas de os experienciar na sociedade atual.

Nesse intuito, desenvolvi a pesquisa em Inca de Oro, um pequeno povoado minerador, localizado na terceira região de Atacama, no norte do Chile, dentre do deserto mais árido do mundo. Administrativamente, Inca de Oro, pertence à prefeitura de Diego de Almagro. Está situado a 110 quilômetros da cidade e capital regional Copiapó, e a 40 quilômetros da cidade Diego de Almagro.

Nesse contexto, devemos considerar que o processo de envelhecer é um processo sempre diversificado, e que envelhecer em uma pequena cidade como Inca de Oro agrega-lhe particularidades próprias que surgem, mantêm-se e enquadram-se sob o abrigo da estrutura social do povoado, por ser um vilarejo marcado pela atividade mineradora de exploração de ouro, a pirquineria. Assim, as especificidades dessa pequena cidade se vinculam tanto à forma com que os idosos e as idosas vivenciam o processo, quanto na forma de organização do povoado, dos espaços e dos tempos praticados e vividos. A pesquisa também mostra o modo com que — dentro dos limites sociais aceitos e das normatividades de gênero e idade imperantes no povoado — os idosos e as idosas negociam suas realidades, dramas, conflitos e afetos, servindo-se de diferentes agenciamentos em sua vida cotidiana. Nesse sentido, esta pesquisa se debruça sobre o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em Inca de Oro.

No intuito da etnografia da duração realizada e para compreender o tempo narrado no processo de envelhecimento e a vivência observada, escutada, fotografada, da velhice, foi preciso dar importância também às questões do corpo, pois é nele que essa passagem do tempo se palpa. Graças à etnografia realizada percebi que para dizer algo sobre o envelhecimento e a velhice deve-se prestar atenção ao corpo e as suas transformações ao longo do tempo, suas marcas, suas metamorfoses, evitando uma perspectiva que olhe para esse corpo a partir da deterioração ou que o trate como mero objeto afetado pelo agir do tempo.

No contexto da etnografia da duração, servi-me de fotografias, as quais foram utilizadas tanto como um aliado ao caderno de campo, em uma tentativa de dar conta do que não se conseguiu expressar por meio de palavras, da escrita ou das descrições: o deserto, o céu, a terra, as árvores, as construções velhas e as construções abandonadas do vilarejo.

Porém, também as imagens se apresentaram não apenas como objetos, mas também como memória, questionamentos e visões. Tendo como pano de fundo essas reflexões, cogitei realizar oficinas com as fotografias tiradas durante o campo, tanto de forma individual quanto coletiva. Esse trabalho me ajudou a adentrar em temas que não havia atingido por meio das falas e entrevistas, e abriu espaço para o imaginário dos interlocutores.

Desenvolver a pesquisa em Inca de Oro significou me importar pela pirquinería, quer dizer, a mineração tradicional praticada no povoado. Na Pirquinería as pessoas perambulam pelo território, neste caso o deserto, à procura de jazidas ou lugares onde explorar minérios preciosos. O pirquinero é construído como uma figura de homem forte, aguerrido, sem Deus nem lei, sem chefes, sem ataduras.

Através da narrativa imagética apresentada, expressa-se as vibrações se passando na forma de envelhecer e vivenciar a velhice em Inca de Oro. Dando conta de um estilo de vida específico, a pirquinería.



















Ilha e marinheiros

Luiz Eduardo Robinson Achutti



Marinheiro de mim mesmo, lá por 1985, sob Sarney, finda a ditadura, cada dia mais se falava na possibilidade do Brasil reatar relações com Cuba.

Eu abri os olhos pós-parto, três dias após a entrada dos Revolucionários Che, Fidel, Cienfuegos e a trupe toda, para tentar mudar a vida deles, a do mundo e a minha em janeiro de 1959. Minha mãe querida nem tinha como imaginar que estaria trazendo à vida um ser alugado e sempre a favor dos que lutam contra as injustiças e misérias do mundo.

Mesmo com relações cortadas resolvi zarpar do meu país triste para atracar na “Ilha da fantasia” (no melhor dos sentidos). Marinheiro de primeira viagem, sem contatos, mas com lenço, documento e uma câmera fotográfica nas mãos, saí a caminhar, flâneur, buscando o que eu tinha ido importar para o Brasil: uma crônica visual sobre aquele mundo que tinha apenas 27 anos de sonhos.

Fiz o que pude, como pude, interagi com poucas pessoas, mesmo encontrando amigos da minha cidade, que estavam lá para um congresso de psicologia. Já que eu não teria a possibilidade de fotografar Fidel, o cotidiano de julho de 1986 eu já tinha registrado a minha maneira, solitário. Voltei para casa pensando na próxima viagem até lá.

No tempo fui me perdendo, em 1988 fui para a Nicarágua pensando ser um projeto novo que copiava Cuba. Fui inspirado em Cortazar. Pelas “mãos” dele viajei todo o país até o Arquipélago de Solentiname. Nicarágua tudo diferente, outro artigo futuro, por certo.

Nas ondas do tempo e dos anos fotografei a Alemanha Comunista DDR, antes Paris, Barcelona, depois, em 1990, voltei para medir as “consequências” da, assim chamada, Reunificação da Alemanha, fato que marcava o fim do chamado Socialismo Real.

Brasil em crise por culpa dos neoliberais, que a mídia trata de eleger, fiquei quieto de volta no meu Porto chamado Alegre, mas quase nunca assim como tal.

Voltei para a minha “casa”, a Antropologia da UFRGS para fazer o Mestrado, me qualificar, sempre querendo melhor aprender a olhar, lembro Galeano aqui.

Para as embarcações e os marinheiros, em viagem ou não, o tempo passa mesmo que as águas não sejam revoltas nem pacíficas.

Nunca passou a sensação que deveria fazer um ajuste de contas com Cuba—Havana, principalmente—saí de lá meio rápido demais em 1986, esqueci um pedaço do fotógrafo jovem Achutti, pois logo retornaria mas tarde. Sim, um jovem Achutti ficou lá, flanando em Havana sem dar notícias durante 30 anos.

O Mundo mudou, diz-se que Cuba está parada no tempo. Em julho de 2016, exatos 30 anos depois, decidi voltar e novamente deambular sem praticamente ninguém e, mais do que tudo, resgatar-me do “mar”, então revoltado, da utopia que mudou o mundo e as nossas vidas, ou não. Era hora do pedaço de mim de 1986 voltar para esse Porto do sul do Mundo.

Em julho de 2016, Havana falava ao celular, as roupas eram outras, camisetas, as cores mais fortes e definidas sob o cenário de paredes lindamente grafitadas como nunca antes. Muitos turistas, burburinho como nas grandes capitais da Europa. Não mudaram o calor e a falta de conservação dos prédios, todos históricos, da Havana Vieja, capital de um país pobre, mas rico.

Uma ilha de não violência, pessoas instruídas, simples mas não simplórias, gentis como em nenhum outro lugar. Foram oito dias de caminhadas de um homem quase sexagenário sob o sol inclemente de 40 graus. Mas meu porto era outro, Porto Triste.



Referências:

- Cortázar, Julio. *Nicaragua tão violentamente doce*, Brasília: Ed. Brasiliense, 1987.
 Galeano, Eduardo. *O Livro Dos Abraços*, Porto Alegre, Ed. Lpm, 1989.
 Hohlfeldt, Antônio (Org.). *Cuba da Agricultura as artes plásticas*, Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.









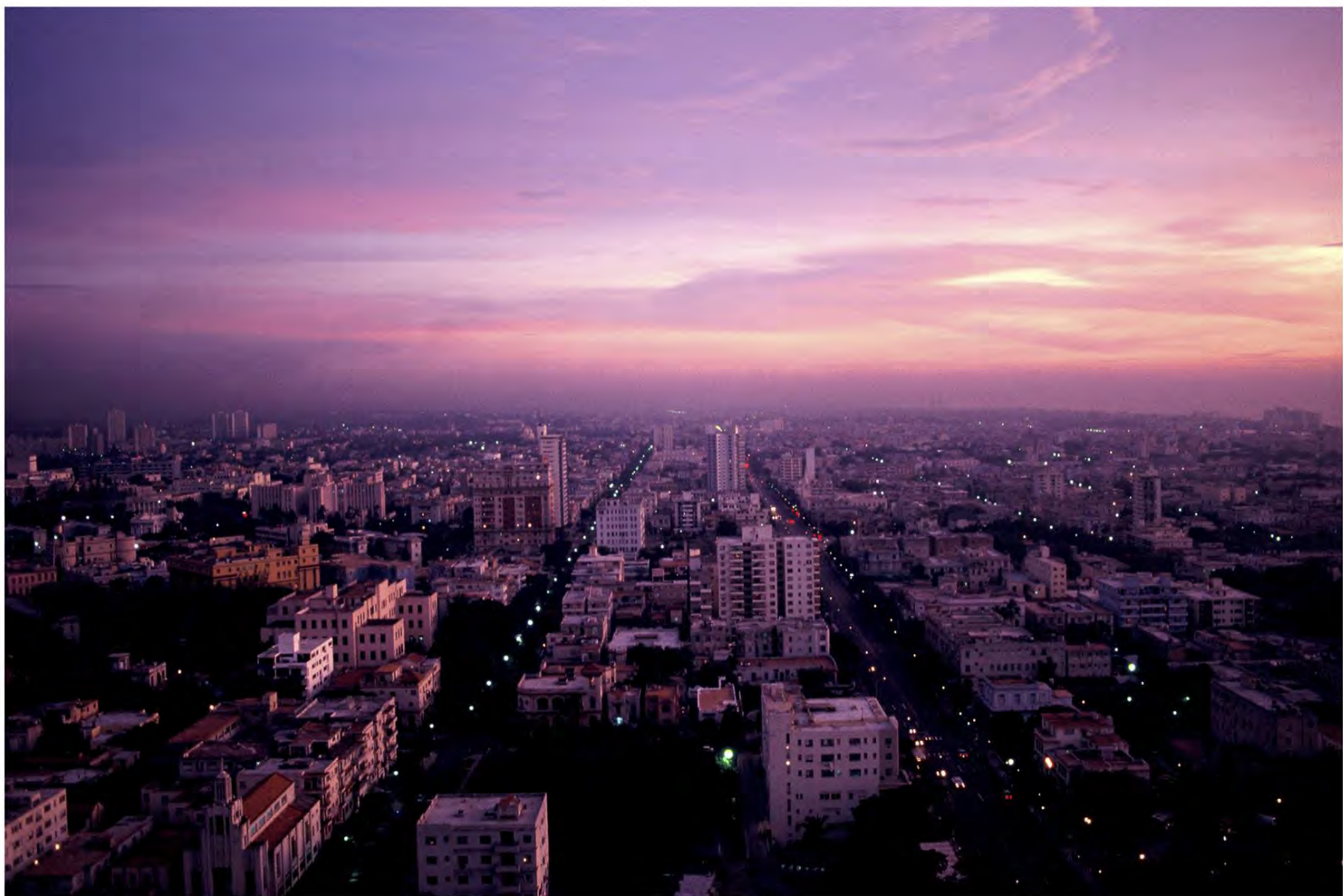


















NA PORTO ALEGRE DA COPA,
OS RITMOS DE CONSTRUÇÃO
DESTRUTIVA OU DESTRUIÇÃO
CONSTRUTIVA

foto
crono
grafias

ACESSE EM [MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS](https://medium.com/fotocronografias)